

Jornal O Tempo (site)
10 de julho de 2017

SUPER NOTÍCIA PAMPULHA OT BETIM OT CONTAGEM O TEMPO LIVRE

O TEMPO CIDADES

JUSTIÇA

Rotina de juízes que vivem 'presos' a ameaças vira filme

Na vida real, em todo país, 131 magistrados estão em situação de risco, três deles em Minas Gerais

Salvar no Facebook Recomendar 116 Compartilhar Tweet



Foro Íntimo, uma banda do banheiro do fórum, ao pesquisar segredos suas vidas na real

Cavaliere acredita que essa reação esbarra na fragilidades da própria legislação. “A pena para quem ameaça é muito baixa, de um a quatro anos de prisão, afiançável”, diz. “Julgamos processos em nome do Estado, atuamos em nome da sociedade. Imagina um juiz acovardado, dando benefícios a (presos) sentenciados porque tem medo?”, questiona ele, que é integrante da comissão de segurança da Associação de Magistrados de Minas Gerais (Amagis).

Juizes sob ameaça **inscreveram** o roteiro de um filme, “Foro Íntimo”, para tornar a história ainda mais próxima da realidade. O filme foi todo filmado dentro do Fórum Lafayette, em Belo Horizonte – o primeiro filme rodado nas salas e nos corredores do edifício onde muitos destinos são definidos. É lá que ele será exibido no próximo dia 20 de julho, às 19h30, no salão do Tribunal do Júri.

O juiz da ficção, “doutor Teixeira”, entra em paranoia ao ficar mais de um mês “morando” dentro do gabinete, sem nenhuma privacidade, cercado por seguranças que verificavam qualquer suspeita (inclusive dentro do banheiro do fórum, antes de ele tomar banho), enquanto sua família teve que se refugiar na Argentina. O personagem foi montado, explica Mehedff, a partir de longas entrevistas com quatro juizes brasileiros, sendo um mineiro, que atuavam em varas criminais, de tóxicos e trabalhista.

“Um desses (magistrados) viveu praticamente seis meses dentro do gabinete, outro teve que ficar dentro de um batalhão do Exército enquanto julgava um caso perigoso. As ameaças vinham até de presos condenados por eles”, contou o diretor.

Na mesma vara de tóxicos que ambienta as cenas fictícias, Mendonça, o juiz da vida real, condenou o traficante Fernando Beira-Mar e mandou que ele voltasse da Colômbia para cumprir a pena em Belo Horizonte. “Eu tive o azar de ser juiz desse processo”, conta. Isso em uma época, diz ele, em que o tribunal não tinha setor de segurança para proteger autoridades. Hoje, há uma divisão de inteligência, com delegados, oficiais, coronéis.

“As ameaças foram crescendo deliberadamente, porque as ações estavam alcançando os tubarões da marginalidade, e a reação foi instantânea. Vi que não poderia combatê-los sozinho, eles são organizados, me exterminariam”, lembrou. Ele procurou todas as forças de segurança para enfrentar as consequências de suas decisões no gabinete e ter tranquilidade fora dele. “O magistrado não é guerrilheiro, nem guerreiro, é um pacificador”, afirma.

Família. Os filhos de Mendonça eram pequenos quando o juiz atuava na vara de tóxicos. Eles chegaram a ser “levados da escola por policiais com armas esmagalhadas” e “viveram os pneus do veículo estourados no percurso para casa”, cita o juiz, que não podia sair porque criminosos o seguiam. “Andava na corda bamba. Minha família sofreu junto, mas fizemos isso pela comunidade que me remunerou. Tive segurança para conseguir honrar meu dever”.

Tarefa que ele pagou também com a saúde: teve um AVC e, mesmo no hospital, foi escoltado por soldados vestidos de jalecos nas salas de exames. Mendonça fala do passado com certa tristeza, não deseja isso a ninguém, mas reconhece que era preciso resistir, dar o exemplo para os outros que vieram. Agora, aposentado há oito anos, ele tem uma rotina menos atordoada: “Deixei de mexer com as onças”.

Para eles, garantir a segurança não é privilégio, é necessidade

Quando o juiz Eli Lucas de Mendonça sala de casa escoltado por policiais e viaturas, os vizinhos falavam que era esnobação, dinheiro público jogado fora, um privilégio. “O magistrado tem que ter coragem, mas também tem que ter proteção. Se a gente tiver medo, a marginalidade toma conta”, afirmou ele. Atualmente, nem juizes de vara de famílias ficam livres de agressões. O perigo aumentou, e o Judiciário também precisou organizar-se para responder às ameaças.

Os sucessores de Mendonça, como o juiz Wagner Cavaliere, da Vara de Execuções Criminais de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, continuam enfrentando intimidações, perdem a privacidade e a liberdade de ir a determinados lugares, mas o serviço de inteligência atua imediatamente.

Cavaliere acredita que essa reação esbarra na fragilidades da própria legislação. “A pena para quem ameaça é muito baixa, de um a quatro anos de prisão, afiançável”, diz. “Julgamos processos em nome do Estado, atuamos em nome da sociedade. Imagina um juiz acovardado, dando benefícios a (presos) sentenciados porque tem medo?”, questiona ele, que é integrante da comissão de segurança da Associação de Magistrados de Minas Gerais (Amagis).

Imparcialidade. No filme “Foro Íntimo”, o diretor Ricardo Mehedff traz a figura de um juiz como um ser humano que faz coisas certas e erradas, algo que vem sendo questionado no Brasil hoje, indica ele. “O filme levanta a questão da imparcialidade e da religião (do juiz)”, afirma Mehedff, que diz ter “adocicado o personagem numa metáfora sobre as instituições brasileiras doentes”.

O presidente da Associação Nacional dos Magistrados Estaduais (Anamagis) e coordenador do Cineclub T3, Magid Nauef Laur, acredita que tudo influencia na decisão de um magistrado. Para ele, o cinema deveria retratar mais a solidão de um juiz no momento da sentença: “Temos várias séries de médicos, mas quase nenhuma de juizes vivendo a angústia de uma decisão, sofrendo pressões, lutando para manter a isenção”.

Super Notícias (BH)
10 de julho de 2017

JUÍZES VIRAM REFÊNS DE BANDIDOS

• "Foro Íntimo" retrata vida de magistrados que vivem com proteção por causa de ameaças; no Brasil, são 131 sob risco

JOANA SUAREZ
jsuarez@supernoticias.com.br

Foram dez anos convivendo com ameaças de traficantes que mandavam cartas, ligavam, avisavam que matariam a família. No trajeto de casa para o Fórum, o juiz mineiro Eli Lucas de Mendonça, 68, desce o elevador ao lado de policiais armados e seguia em um camburão; trocava códigos de segurança com a família a cada cinco minutos, uma tensão diária em que qualquer segundo sem sinal virava alívio. Em duas horas de conversa com o magistrado, ele narra tantas cenas vividas nos bastidores das decisões judiciais que dariam um filme. É deus. Juizes ameaçados são o enredo de "Foro Íntimo", que deve estreiar nos cinemas brasileiros até o fim do ano, mas já está circulando em festivais.

Existem 131 magistrados em situação de risco em todo o país – três em Minas –, de acordo com pesquisa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) de 2016. As notícias de juizes sob ameaça desper-

taram o diretor de cinema Ricardo Mehediff a fazer o roteiro. Para tornar a história ainda mais próxima da realidade, "Foro Íntimo" foi todo filmado dentro do Fórum Lafayette, em Belo Horizonte – o primeiro filme rodado nas salas e nos corredores enormes do edifício onde muitos destinos são definidos. É lá que ele será exibido no próximo dia 20 de julho, às 18h30, no salão do Tribunal do Júri.

O juiz da ficção, o "doutor Teixeira", entra em paranoia ao ficar mais de um mês "morando" dentro do gabinete, sem privacidade, cercado por seguranças que verificavam qualquer suspeita (inclusive no banheiro do fórum, antes de ele tomar banho), enquanto sua família teve que se refugiar na Argentina. O personagem foi montado, explica Mehediff, a partir de entrevistas com quatro juizes, sendo um mineiro, que atuavam em varas criminais, de tóxicos e trabalhista.

"Um desses (magistrados) viveu seis meses dentro do gabinete, outro teve que ficar dentro de um batalhão do

Exército enquanto julgava um caso perigoso. As ameaças vinham até de presos condenados por eles", contou.

Na mesma vara de tóxicos que ambienta as cenas fictícias, Mendonça, o juiz da vida real, condenou o traficante Fernandinho Beira-Mar e mandou que ele voltasse da Colômbia para cumprir a pena em BH. "Tive o azar de ser juiz desse processo. Vi o que é sofrer na cruz sem dever nada", desabafa. Isso em uma época, diz ele, em que o tribunal não tinha setor específico de segurança para proteger autoridades. Hoje, há uma divisão de inteligência, com delegados, oficiais e coronéis.

"As ameaças foram crescendo deliberadamente, porque as ações estavam alcançando os tubarões da marginalidade, e a reação foi instantânea. Vi que não poderia combatê-los sozinho, eles são organizados, me exterminariam", lembra Mendonça. Ele procurou todas as forças de segurança para enfrentar as consequências de suas decisões no gabinete e ter tranquilidade fora dele. "O magistrado não é

guerrilheiro, nem guerreiro, é um pacificador", destaca ele.

Família

Os filhos de Mendonça eram pequenos quando o juiz atuava na vara de tóxicos. Eles chegaram a ser "levados da escola por policiais com armas engatilhadas" e "tiveram os pneus do veículo estourados no percurso para casa", cita o juiz, que não podia sair para comer uma pizza ou visitar a mãe porque criminosos o seguiam.

"Minha família sofreu, mas fizemos isso pela comunidade que me remunerou. Tive segurança para conseguir honrar meu dever". Tarefa que ele pagou também com a saúde: teve um AVC, mesmo no hospital, foi vigiado por soldados vestidos de jalecos nas salas de exames.

Mendonça fala do passado com certa tristeza, não deseja isso a ninguém, mas reconhece que era preciso resistir, dar o exemplo para os outros que vieram. Agora, aposentado há oito anos, ele tem uma rotina menos atordada: "Deixei de mexer com as coisas".

O Tempo (BH)
10 de julho de 2017

EDITORIA DE ARTE / O TEMPO

EM RISCO

Quantidade de magistrados no país em situação de risco

JUSTIÇA ESTADUAL

TOTAL DE AMEAÇADOS

116



■ Estados com maior número de juizes em situação de risco

Rio de Janeiro	23
Alagoas	13
Pará	11
Distrito Federal	10
Goias	9

■ Minas Gerais aparece na 11ª colocação, junto com Pernambuco, São Paulo e Tocantins. Cada um tem 3 magistrados ameaçados

JUSTIÇA DO TRABALHO

TOTAL DE AMEAÇADOS

8



JUSTIÇA FEDERAL

TOTAL DE AMEAÇADOS

7



SISTEMAS DE SEGURANÇA DO JUDICIÁRIO NO BRASIL

59%

dos tribunais têm pórticos detectores de metais

94%

dos tribunais estão equipados de câmera de segurança

59%

não possuem esteiras de raio X. No 1º Grau, elas são inexistentes em 78%



DOS TRIBUNAIS NÃO POSSUI CONTROLE DE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS



DOS ÓRGÃOS NUNCA DISPONIBILIZOU AOS MAGISTRADOS UM CURSO DE SEGURANÇA PESSOAL



24 mil pessoas trabalham na segurança do Poder Judiciário, entre vigilantes terceirizados, servidores e agentes de segurança pública

FONTE: DIAGNÓSTICO DA SEGURANÇA INSTITUCIONAL DO PODER JUDICIÁRIO - PESQUISA DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (DE JUNHO DE 2016)